



ALGUNS CAMINHOS DA ESCRITA ACADÊMICA

WAYS INTO ACADEMIC WRITING CAMINOS HACIA LA ESCRITURA ACADÉMICA

Remerson Russel Martins ¹

Coçar e comer é só começar. Conversar e escrever também. Na fala, antes de iniciar, mesmo uma livre conversação, é necessário quebrar o gelo. Em nossa civilização apressada, o “bom dia”, o “boa tarde, como vai?” já não funcionam para engatar conversa. Qualquer assunto servindo, fala-se do tempo ou de futebol. No escrever também poderia ser assim, e deveria haver para a escrita algo como a conversa vadia, com que se divaga até encontrar assunto para um discurso encadeado. Mas, à diferença da conversa falada, nos ensinaram a escrever na lamentável forma de uma mecânica que supunha texto prévio, mensagem já elaborada. Escrevia-se o que antes se pensara. Agora entendo o contrário: escrever para pensar, uma outra forma de conversar (Marques, 2006, p. 15).

Neste editorial do segundo número da Revista Eletrônica Kuab, convido ao prezado leitor para refletir acerca de alguns dos caminhos da escrita acadêmica. Para isso, assumo nesta escrita a posição de estudante e tomo a liberdade de lhe pedir que faça o mesmo. Peço a licença também de seguir neste texto como em uma “conversa vadia”, divagando aqui e ali até encadear o discurso.

Em maior parte de nossa vida de estudante, somos avaliados e julgados pela nossa escrita pronta, fruto de um texto prévio, de uma mensagem já elaborada. No ensino fundamental, no médio e na maioria das disciplinas da graduação, a cada professor devemos trazer uma escrita pronta de uma atividade, ou exercício, ou trabalho para casa a ser entregue na próxima aula. Sempre valendo nota – termômetro impiedoso e regimental que nos julga –, e raramente havendo uma segunda chance. Poucos

¹ Editor-Chefe da Revista Eletrônica Kuab, Programa de Pós-Graduação Interdisciplina em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, RN, Brasil, remerson@ufersa.edu.br



professores têm condições de devolverem a escrita, darem um *feedback*, ou permitirem a oportunidade de uma reescrita. O aluno escreve, é avaliado, recebe uma nota e passa para a próxima atividade a ser entregue semana que vem. Tudo muito rápido, muito atropelado.

E quando chegamos ao mestrado e, posteriormente, ao doutorado, a lógica da escrita se inverte. Escrevemos e entregamos ao nosso orientador, que insiste em nos devolver para que reescrevêssemos. Reescrevemos e entregamos novamente – agora sim –, mas o texto volta mais uma vez e outra e mais outra. Parece que o texto nunca irá ficar pronto. Ou que eu desaprendi a escrever. O quanto mais o nosso orientador nos pedia a reescrita de nossos textos, mais frustrante e penoso esta escrita ia se tornando.

Nosso erro era pensar que a escrita era ato único, realizado em um movimento só. O parágrafo escrito seria como o tijolo assentado na parede. Uma vez posto e cimentado, passava-se ao seguinte e não se olhava para traz. Seguindo sempre em frente até terminar toda a construção. Assim como fazíamos na maioria de nossos trabalhos na graduação e antes dela. Mas a escrita de qualidade não é obra que se faça na “empeleita”, é trabalho diário, que se faz e refaz, que se começa, se desmancha e se recomeça.

O texto é uma obra mais volúvel, mais fluida, é casa construída com vento. As palavras podem ser trocadas, retiradas, frases reescritas, parágrafos inteiros podem ser cortados e não ficar um rastro sequer de todas estas mudanças na versão final. A escrita nos permite esta fluidez do texto, como o vento que passa tirando algumas frases e palavras do lugar, levando-as para parágrafos mais apropriados. Ou mesmo como vendaval, que arrasta para nunca mais se ver páginas inteiras da dissertação. A escrita é sempre um processo de reescrita. E devemos reescrever os nossos textos não porque o orientador mandou ou porque estávamos errados na primeira escrita, mas porque repensamos hoje o que escrevemos ontem, amadurecendo com o tempo o texto a ser desenvolvido.

Enquanto estudante de graduação, eu imaginava ingenuamente que a escrita funcionava assim: primeiramente leio o comando da atividade passada pelo professor, leio



o texto-base dessa atividade, penso sobre as duas coisas, tentando entender como o texto responde ao comando e, por fim, escrevo a resposta. Um caminho simples, que na minha jovem cabeça de estudante de Psicologia fazia sentido: ler, pensar e escrever. Se houvesse alguma dificuldade, era só voltar uma etapa. Era algo semelhante ao que Marques (2006, p. 15) advertia sobre a forma como fomos – erradamente – ensinados a escrever “na lamentável forma de uma mecânica que supunha texto prévio, mensagem já elaborada. Escrevia-se o que antes se pensara.” Porém o tempo me mostrou o meu erro – e se eu tivesse lido Marques (2006) antes teria descoberto isso mais cedo e com menos sofrimento. Ler, pensar e escrever suscitam em um ir e vir da escrita, em se perder e se achar, em entender e se confundir. Implica necessariamente nos movimentos de reler, repensar e reescrever, realizando um processo circular, que se alimenta e amadurece a cada volta. Entre a leitura e a escrita não há uma linha reta, mas uma espiral com voltas ascendentes, descendentes, quebras e saltos.

Por exemplo, neste momento em que escrevo este editorial, minha escrita trava completamente ao final do parágrafo anterior. Até então o texto me fluía com muita facilidade, o teclado fazia o seu clique-clique sem parar e se abria para mim a perspectiva de terminar esta escrita antes do horário do almoço. Mas ao chegar em “amadurece a cada volta”, meus pensamentos fogem². Volto para o início do texto, faço uma breve releitura, corto uma frase solta ali, acrescento outra frase acolá e chego ao ponto em que travei. Devo continuar insistindo? Ou faço um intervalo e retorno este texto amanhã? Repensar a escrita – e assim reescrevê-la e amadurecê-la – demanda tempo. Não tempo mecânico de relógio, mas tempo orgânico. Tempo que o corpo precisa para funcionar em seu ritmo e ter condições de pensar. Decido fazer uma pausa e ir tomar um café. Você, leitor, poderá pegar o próximo parágrafo na sequência deste. Mas eu, autor, o farei apenas amanhã.

E de ontem para hoje – ou melhor do parágrafo anterior para este, muita coisa me aconteceu. Encontrei com alguns amigos, participei de uma reunião, estive em sala de

² A frase que finaliza o parágrafo em questão só foi inserida dois dias depois, após mais uma das minhas releituras deste texto e a percepção que faltava algo que conectasse melhor o final desse parágrafo com o seguinte.



aula com uma turma de calouros. Nada disso tem relação com este texto, mas tudo isso é importante para este texto. De ontem para hoje tive tempo para descansar o corpo, arejar os pensamentos, me envolver com outras atividades, pensar em outras coisas e, principalmente, retomar esta escrita com a cabeça renovada. Quando disse anteriormente que repensar a escrita demanda tempo orgânico, estava me remetendo aos momentos que cada um de nós necessita para refletir e desenvolver em seu íntimo as ideias a serem postas no texto. E estes momentos são extremamente pessoais.

Não somos inteligências artificiais que produzem páginas e mais páginas em poucos segundos apenas em resposta a um prompt de comando. Nossa inteligência natural sofre influências diversas – genética, história de vida, experiências escolares, influências de nosso orientador, contratempos e contrariedades várias que repercutem sobre nosso humor – e, conseqüentemente, o ritmo em que conseguimos produzir varia bastante. Dez páginas fluem com bastante rapidez em um dia. Um parágrafo mal escrito é parido a fórceps no dia seguinte. Entre estes dois momentos, o tempo marcado no relógio pode até ter sido o mesmo, mas a sua passagem sentida pelo corpo, não foi.

Retomo o professor Marques para explicar melhor esses caprichos do tempo nos movimentos da escrita. “O tempo não é sólido que não se possa recortar em fatias para melhor distribuí-lo, nem é líquido sem consistência e densidade/duração apropriada. O tempo é pastoso, algo que se espicha ou comprime como se quer, que se amolda a nossos amores” (Marques, 2006, p. 17). Precisamos de tempo para pensar – amadurecer – o nosso texto, mas o tempo – substância pastosa e caprichosa – se amolda aos nossos (des)amores. A poesia destas palavras está em sua verdade. Na mesma medida em que encontramos sempre uns minutinhos para aquilo que gostamos, o tempo insiste em nos escapar para a aquilo que fede aos nossos sentidos. Atire a primeira pedra quem nunca procrastinou a escrita daquele artigo insosso, ou deixou este mesmo artigo para amanhã porque sempre aparece alguma coisa mais importante hoje.

Bem, acho que estamos chegando em algum lugar aqui. A escrita pede necessariamente a reescrita. Reescrever demanda pensar, refletir e isso necessita de tempo. O tempo se faz presente quando há uma dimensão afetiva na escrita. Ou,



traduzindo em tom mais coloquial de modo que a ênfase apropriada não se perca, quando se tem tesão no que se escreve.

Encontramos facilmente muitos manuais e artigos sobre a escrita acadêmica. Cada um deles recheados de orientações, normas e dicas que podem te ajudar bastante. Porém nenhuma destas dicas serão muito úteis se você não tiver prazer sobre o que escreve. Não tiver gosto acerca do local para onde sua escrita está te levando e se sentir motivado para chegar lá. A racionalidade do método científico não suplanta os afetos de quem exerce esse método. A objetividade e a mecânica da escrita não são suficientes se não houver paixão pelo que se escreve. Há a necessidade de se saber o que se vai escrever e se ter afeto por isso. Apenas demandas, obrigações, cobranças e responsabilidades te empurram para a escrita, mas não te atraem para escrever.

O prazer na escrita deve vir a partir de algumas escolhas bem pessoais. E uma das mais importantes é “Sobre o que eu quero escrever?”, pois se haverá sacrifícios e muito trabalho no desenvolvimento do manuscrito de um artigo; que pelo menos seja sobre algo que eu tenha prazer em escrever. Daí a necessidade de se saber o que se quer escrever e se há prazer em escrever acerca disso para que se desenvolva uma boa escrita. O professor Câmara Júnior (1977, p. 58) já apontava que “ninguém é capaz de escrever bem, se não sabe bem o que vai escrever”.

Então, prezado(a) leitor(a), um dos caminhos da escrita acadêmica que eu trago neste editorial envolve que se saiba sobre o que se quer escrever e se tenha prazer nisso; envolve um trabalho de escrita e reescrita, um processo de reflexão e de tempo; e compreende o amadurecimento da escrita como resultado do amadurecimento do escritor.

Referências

- CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Manual de expressão oral e escrita**. 4ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 5. ed. Ijuí-RS/Brasília-DF: Editora Unijuí/INEP, 2006. v. 1